

NICOLE KRAUSS

A memória de nossas memórias

Great house

Tradução

José Rubens Siqueira



Copyright © 2010 by Nicole Krauss

*Graça atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Great House

Capa

Rita da Costa Aguiar

Foto de capa

Preparação

Isabel Junqueira

Revisão

Ana Maria Barbosa

Marise S. Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Krauss, Nicole

A memória de nossas memórias / Nicole Krauss ; tradução
José Rubens Siqueira — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2012.

Título original: Great House.

ISBN 978-85-359-2087-1

1. Ficção norte-americana 1. Título.

12-03887

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

I

- Todos em pé, 11
- Bondade verdadeira, 60
- Buracos para nadar, 91
- Mentiras contadas por crianças, 129

II

- Bondade verdadeira, 201
- Todos em pé, 234
- Buracos para nadar, 280
- Weisz, 329

Todos em pé

Fale com ele.

Meritíssimo, no inverno de 1972, R e eu rompemos, ou talvez eu devesse dizer que ele rompeu comigo. Os motivos eram vagos, mas a essência era que ele tinha um eu secreto, um eu covarde, desprezível, que nunca conseguia me revelar e que precisava se afastar como um animal doente até conseguir melhorar esse eu e levá-lo até o ponto que julgava digno de companhia. Discuti com ele — eu era sua namorada havia quase dois anos, seus segredos eram meus segredos, se havia alguma coisa de cruel ou covarde nele, eu, mais que qualquer outra pessoa, saberia —, mas foi inútil. Três semanas depois ele se mudou e recebi um cartão-postal (sem endereço de remetente) dizendo que ele sentia que nossa decisão, como chamava, por mais difícil que fosse, tinha sido a decisão certa, e eu tive de admitir para mim mesma que nossa relação estava definitivamente terminada.

Durante algum tempo, as coisas pioraram em vez de melhorar. Não vou entrar em detalhes, a não ser para dizer que eu não

saía, nem mesmo para ver minha avó, e também não deixava ninguém vir me ver. A única coisa que ajudava, curiosamente, era o fato de o tempo estar ruim, de forma que eu tinha de ficar correndo pelo apartamento com uma estranha chave inglesa pequena, de latão, feita especialmente para apertar os parafusos de ambos os lados dos caixilhos das janelas antigas, porque quando o vento os soltava as janelas guinchavam. Havia seis janelas e, quando eu acabava de apertar os parafusos de uma, a outra começava a uivar, então eu corria com a chave inglesa e aí tinha, talvez, uma meia hora de silêncio na única cadeira que restava no apartamento. Durante algum tempo, pelo menos, parecia que tudo o que existia no mundo era a chuva prolongada e a necessidade de manter os parafusos apertados. Quando o tempo finalmente melhorou, eu saí para uma caminhada. Tudo estava inundado e havia uma sensação de calma com toda aquela água parada, a refletir. Caminhei por um longo tempo, seis ou sete horas no mínimo, por bairros onde eu nunca tinha estado e onde nunca mais estive depois. Quando cheguei em casa estava exausta e me senti purgada de alguma coisa.

Ela lavou o sangue de minhas mãos e me deu uma camiseta limpa, talvez dela mesma. Achou que eu era sua namorada ou mesmo esposa. Ninguém veio buscar o senhor ainda. Não vou sair do seu lado. *Fale com ele.*

Não muito tempo depois disso, o piano de cauda de R foi baixado pela imensa janela da sala, do mesmo jeito que tinha chegado. Era o último de seus pertences a ir embora, e, enquanto o piano esteve ali, era como se ele não tivesse ido embora de fato. Nas semanas que fiquei sozinha com o piano, antes de vi-

rem buscá-lo, eu o afagava do mesmo jeito que costumava afagar R ao passar perto dele.

Poucos dias depois, um velho amigo meu, chamado Paul Alpers, apareceu para me contar de um sonho que tinha tido. No sonho, ele e o grande poeta César Vallejo encontravam-se numa casa no campo que pertencia à família de Vallejo desde que ele era criança. Estava vazia e todas as paredes estavam pintadas de um branco azulado. O efeito geral era muito tranquilo, Paul disse, e no sonho ele achava que Vallejo tinha sorte de poder ir trabalhar num lugar assim. Parecia um lugar de repouso antes da outra vida, Paul disse. Vallejo não ouviu e ele teve de repetir duas vezes. Finalmente o poeta, que na vida real morreu aos quarenta e seis anos, sem um tostão, no meio de uma tempestade, exatamente como havia previsto, entendeu e acenou com a cabeça. Antes de entrarem na casa, Vallejo tinha contado a Paul uma história na qual seu tio costumava molhar os dedos na lama e fazer uma marca na testa, algo que ver com a Quarta-Feira de Cinzas. E então, Vallejo disse (Paul falou) que ia fazer uma coisa que eu nunca entenderia. Para ilustrar, Vallejo mergulhou dois dedos na lama e desenhou um bigode sobre o lábio superior de Paul. Os dois deram risada. Paul disse que o mais estranho em todo o sonho era a cumplicidade que havia entre eles, como se se conhecessem havia muitos anos.

Naturalmente, Paul havia pensado em mim ao acordar, porque quando estávamos no segundo ano da faculdade nos conhecemos num seminário sobre poetas de vanguarda. Ficamos amigos porque sempre concordávamos um com o outro em classe, enquanto todo o resto discordava de nós, mais e mais veementemente à medida que o semestre avançava, e com o tempo formou-se uma aliança entre mim e Paul que depois de todos esses anos (cinco) ainda podia se abrir e inflar instantaneamente. Ele perguntou como eu estava, aludindo ao rompimento, que alguém devia ter

contado a ele. Eu disse que estava bem só que achava que meu cabelo estava caindo. Disse também que, junto com o piano, o sofá, as poltronas, a cama e até a prataria tinham ido embora com R, uma vez que quando nos conhecemos eu estava vivendo mais ou menos com apenas uma mala, enquanto ele vivia como um Buda, cercado por toda a mobília que tinha herdado da mãe. Paul disse que achava que alguém, um poeta, amigo de um amigo, estava voltando para o Chile e precisaria de uma casa para deixar a mobília. Fez um telefonema e confirmou-se que o poeta, Daniel Varsky, tinha realmente alguns artigos que não sabia onde pôr, e que não queria vender para o caso de mudar de ideia e resolver voltar a Nova York. Paul me deu o número de telefone e disse que Daniel estava esperando que eu entrasse em contato. Deixei passar alguns dias antes de telefonar, principalmente porque era um pouco esquisito pedir mobília a um estranho, mesmo com as portas já abertas, e também porque nesse mês sem R e todos os seus pertences eu me acostumara a não ter nada. Só havia problema quando alguém vinha me visitar e eu via, refletido no rosto da visita, que, de fora, as condições, as minhas condições, meritíssimo, pareciam patéticas.

Quando finalmente telefonei para Daniel Varsky ele atendeu depois do primeiro toque. Havia certa cautela na saudação inicial, antes de ele saber quem estava do outro lado, cautela que depois vim a associar com Daniel Varsky e com os chilenos em geral, os poucos que eu conhecia. Ele levou um minuto para me localizar, um minuto para esclarecer que eu era amiga de um amigo e não alguma maluca ligando (sobre a mobília? ela ouviu dizer que ele quer se livrar da mobília? ou emprestar?), um minuto em que pensei em me desculpar, desligar e continuar como eu estava vivendo, com um colchão apenas, objetos de plástico e só uma cadeira. Mas assim que a luz se acendeu (Ah! Claro! Desculpe! Está tudo aqui à sua espera) a voz dele se abrandou e

ficou mais alta ao mesmo tempo, revelando uma expansividade que também passei a associar com Daniel Varsky e, por extensão, com todos que vêm daquela ponta de punhal no coração da Antártica, como disse Henry Kissinger.

Ele morava do outro lado da cidade, na esquina da rua 99 com o Central Park West. No caminho, parei para visitar minha avó, que morava num lar para idosos na West End Avenue. Ela não me reconhecia, mas quando superei isso fui capaz de sentir prazer em estar com ela. Normalmente sentávamos e falávamos do tempo de oito ou nove maneiras diferentes, antes de passar para meu avô, que dez anos depois de sua morte continuava a ser objeto de fascinação para ela, como se, a cada ano de sua ausência, sua vida, ou a vida deles em conjunto, se tornasse um enigma maior para ela. Sentada no sofá de que gostava, ela se deslumbrava com o saguão; Tudo isso me pertence?, perguntava de vez em quando, com um gesto que abarcava o espaço todo, usando todas as suas joias ao mesmo tempo. Sempre que eu ia, levava para ela um pão doce de chocolate da Zabar. Ela comia um pouquinho por gentileza, o pão esfarelava em seu colo, grudava em seus lábios e quando eu ia embora ela dava o resto para as enfermeiras.

Quando cheguei à rua 99, Daniel Varsky permitiu minha entrada pelo porteiro eletrônico. Enquanto esperava o elevador no saguão esquálido me ocorreu que eu podia não gostar da mobília, que talvez ela fosse muito escura ou de alguma forma opressiva, e que era tarde demais para recuar com elegância. Mas ao contrário, quando ele abriu a porta, minha primeira impressão foi de luminosidade, a tal ponto que precisei semicerrar os olhos e por um momento não consegui enxergar seu rosto, porque só se via uma silhueta. Havia também o cheiro de alguma coisa cozinhando que depois descobri ser uma receita de berinjelas que ele havia aprendido a fazer em Israel. Quando meus olhos se

acostumaram, fiquei surpresa ao descobrir que Daniel Varsky era jovem. Eu esperava alguém mais velho, uma vez que Paul tinha me dito que o amigo era poeta, e embora nós dois escrevêssemos poesia, ou tentássemos escrever, fazíamos questão de nunca nos referirmos a nós mesmos como poetas, termo reservado àqueles cuja obra foi julgada digna de publicação, não só em um ou outro periódico obscuro, mas como um livro de verdade que podia ser comprado numa livraria. Em retrospecto, isso era de fato uma definição embaraçosamente convencional de poeta, e, embora Paul, eu e outros que conhecíamos nos orgulhássemos de nossa sofisticação literária, naquela época ainda mantínhamos nossa ambição intacta e de certa forma isso nos cegava.

Daniel tinha vinte e três anos, um a menos que eu, e, embora ainda não tivesse publicado um livro de poemas, parecia ter empregado melhor seu tempo, ou mais imaginativamente, ou talvez o que se pudesse dizer é que ele sentia uma pressão para ir aos lugares, conhecer pessoas e experimentar coisas que me faziam ficar com inveja sempre que eu as encontrava em alguém. Ele tinha passado os últimos quatro anos viajando, morando em diferentes cidades, no chão de apartamentos de gente que conhecia no caminho, e às vezes em apartamentos próprios quando conseguia convencer a mãe ou talvez a avó a lhe enviar dinheiro, mas agora, afinal, ia voltar para casa para assumir seu lugar ao lado de amigos com quem havia crescido e que lutavam pela liberação, pela revolução ou ao menos pelo socialismo no Chile.

A berinjela estava pronta e Daniel me disse para olhar a mobília enquanto ele punha a mesa. O apartamento era pequeno, mas havia uma janela grande que dava para o sul e pela qual entrava toda a luz. A coisa mais notável no lugar era a bagunça: papéis pelo chão, copos de plástico manchados de café, cadernos, sacos plásticos, sapatos de borracha baratos, discos e capas divorciados. Qualquer outra pessoa se veria na obrigação de dizer

“não repare na bagunça” ou fazer uma piada sobre um bando de animais passando por ali, mas Daniel não disse nada. A única superfície mais ou menos vazia eram as paredes, nuas, a não ser por alguns mapas que ele havia pendurado, das cidades onde vivera: Jerusalém, Berlim, Londres, Barcelona, e sobre certas avenidas, esquinas e praças ele havia feito anotações que não entendi de imediato porque estavam em espanhol, e teria sido grosseiro tentar decifrá-las enquanto meu anfitrião e benfeitor arrumava os talheres. Então voltei minha atenção para a mobília, ou ao que dava para ver dela por baixo da bagunça: um sofá, uma escrivaninha grande com uma porção de gavetas, umas grandes, outras pequenas, duas estantes cheias de livros em espanhol, francês e inglês, e a peça mais bonita, uma espécie de arca ou baú com guarnições de ferro que parecia ter sido resgatada de um navio afundado e era usada como mesinha de centro. Ele devia ter comprado tudo aquilo de segunda mão, nada parecia novo, mas havia certa harmonia entre todas as peças, e o fato de estarem sufocadas debaixo de papéis e livros só as tornava mais atraentes. De repente, senti-me inundada de gratidão por seu proprietário, como se ele estivesse me entregando não apenas um pouco de madeira e estofado, mas a chance de uma nova vida, deixando em minhas mãos a responsabilidade de estar à altura da situação. Tenho vergonha de dizer, mas fiquei com os olhos cheios de lágrimas, Meritíssimo, embora como é o caso, tantas vezes, as lágrimas brotassem de remorsos mais antigos, mais obscuros, em que eu havia deixado de pensar, e que o presente, ou o empréstimo da mobília de um estranho de alguma forma despertou.

Acho que conversamos durante sete ou oito horas, no mínimo. Talvez mais. Acontece que nós dois gostávamos de Rilke. Também gostávamos de Auden, embora eu mais do que ele, e nenhum de nós dois ligava muito para Yeats, mas ambos nos sentíamos culpados por isso, pois poderia indicar alguma falha

pessoal no nível em que a poesia vive e é importante. O único momento de desarmonia veio apenas quando levantei o assunto Neruda, único poeta chileno que eu conhecia e ao que Daniel reagiu com um relâmpago de fúria. Por que será, ele perguntou, que sempre que um chileno sai pelo mundo, Neruda e a porra das suas conchas já chegaram antes e estabeleceram um monopólio? Ele sustentou meu olhar, esperando que eu o contradisse, e diante disso tive a sensação de que na terra dele era lugar-comum conversar como estávamos conversando, e mesmo discutir sobre poesia até o ponto da violência, e por um momento me senti tocada pela solidão. Um momento apenas, porém, e saltei para me desculpar, jurei a torto e a direito que ia ler a breve lista de grandes poetas chilenos que ele rabiscou nas costas de um saco de papel (no alto do qual, em letras maiúsculas ofuscando o resto, estava Nicanor Parra) e também que nunca mais pronunciaria o nome de Neruda, nem na presença dele, nem na de ninguém.

Falamos de poesia polonesa, de poesia russa, de poesia turca, grega, argentina, de Safo e dos cadernos perdidos de Pasternak, da morte de Ungaretti, do suicídio de Weldon Kees e do desaparecimento de Arthur Cravan, que Daniel dizia ainda estar vivo, aos cuidados das prostitutas da Cidade do México. Mas às vezes, no mergulho ou vazio entre uma frase a esmo e outra, uma nuvem escura surgia em seu rosto, hesitava por um momento como se quisesse ficar, e depois passava, dissolvendo-se nos limites da sala, e nesses momentos eu quase sentia que devia me retirar, uma vez que embora tivéssemos falado muito sobre poesia, não falamos quase nada sobre nós mesmos.

A certa altura, Daniel deu um pulo e começou a revirar a escrivaninha, abrindo algumas gavetas e fechando outras, em busca de um ciclo de poemas que tinha escrito. Chamava-se *Esqueça tudo o que eu disse*, ou algo assim, e ele próprio havia feito a

tradução. Ele pigarreou e começou a ler com uma voz que vinda de qualquer outra pessoa poderia parecer afetada ou até cômica, tocada que era por um ligeiro *tremolo*, mas vinda de Daniel parecia completamente natural. Ele não se desculpava nem se escondia por trás das páginas. Bem ao contrário. Endireitou o corpo como uma estaca, como se tirasse energia do poema e erguia os olhos com frequência, com tanta frequência que comecei a desconfiar que ele sabia de cor o que tinha escrito. Foi num desses momentos, quando cruzamos o olhar sobre uma palavra, que me dei conta de que na verdade ele era bem bonito. Tinha o nariz grande, um grande nariz chileno judeu e mãos grandes com dedos finos, pés grandes, mas havia também algo delicado nele, algo que tinha a ver com os cílios longos ou com sua ossatura. O poema era bom, não ótimo, mas muito bom, ou talvez fosse ainda melhor que muito bom, era difícil dizer sem poder ler eu mesma. Parecia ser sobre uma moça que tinha partido seu coração, embora pudesse ser igualmente sobre um cachorro; na metade eu me perdi e comecei a lembrar que R sempre lavava os pés estreitos antes de ir para a cama porque o chão de nosso apartamento era sujo, e embora nunca tivesse me dito para lavar os meus, isso estava implícito, uma vez que, se eu não os lavasse, os lençóis ficariam sujos, tornando a limpeza dele sem sentido. Eu não gostava de sentar na beira da banheira ou ficar em pé na frente da pia com um joelho levantado, olhando a sujeira preta girar na porcelana branca, mas era uma das incontáveis coisas que fazemos na vida para evitar uma discussão, e agora a lembrança daquilo me fazia ter vontade de rir ou talvez de sufocar.

Nessa altura, o apartamento de Daniel Varsky tinha ficado em penumbra e aquático, com o sol mergulhando atrás de um prédio, e as sombras que estavam escondidas atrás de tudo começaram a dominar. Me lembro que havia alguns livros muito grandes na estante, livros finos com altas lombadas de tecido.

Não me lembro de nenhum título, talvez fossem uma coleção, mas pareciam de alguma forma estar em conluio com o escuro da hora. Era como se as paredes do apartamento de repente tivessem ficado acarpetadas, como as paredes de um cinema, para impedir que o som se disperse ou que outros sons entrem, e dentro daquele tanque, Meritíssimo, na luz que havia, éramos ao mesmo tempo a plateia e o filme. Ou como se só nós tivéssemos sido separados da ilha e estivéssemos então vagando por águas desconhecidas, águas negras de insondável profundidade. Naquela época, eu era considerada atraente, algumas pessoas até diziam que eu era bonita, embora minha pele nunca tenha sido boa e era isso que eu notava ao olhar no espelho, isso e um ar ligeiramente perturbado, um leve franzir de testa que eu não sabia que estava fazendo. Mas antes de viver com R, e enquanto estava com ele também, muitos homens deixavam claro que gostariam de ir para casa comigo, por uma noite ou mais, e quando Daniel e eu nos levantamos e fomos para a sala, me perguntei o que ele achava de mim.

Foi então que ele me disse que a escrivaninha tinha sido usada brevemente por Lorca. Eu não sabia se estava brincando ou não, parecia altamente improvável que esse viajante do Chile, mais novo que eu, pudesse possuir um item tão valioso, mas resolvi que ele estava falando sério para não correr o risco de ofender alguém que só havia me demonstrado gentileza. Quando perguntei como tinha arrumado a escrivaninha, ele deu de ombros e disse que tinha comprado, mas não se estendeu a respeito. Achei que ele ia dizer “e agora estou dando a escrivaninha para você”, mas ele não disse, simplesmente deu um pequeno chute numa das pernas dela, não um chute violento, mas de leve, cheio de respeito e continuou andando.

Foi nessa hora, ou depois, que nos beijamos.